



A menina Maria Carlota Navarro, filha do sr. dr. Alberto Navarro, vestida á mourisca — (Ciché Vasques).

N.º 210 Lisboa, 28 de Fevereiro de 1910

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 4\$800 réis — Semestre, 2\$400 réis
Trimestre, 1\$200 réis

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TELXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA

Redacção, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão **R. Formosa, 43**

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa



Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em valletorios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancia, chronologia e phisiologia e pelas applicações practicas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroze, d'Arpenligny, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. *Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete*. 43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja — LISBOA. Consultas a \$8000 rs., 28500 e 58000 rs.

aglem, allemão, italiano e hespanhol. *Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete*. 43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja — LISBOA.

SOCIEDADE FABRICANTE



DE Discos

AGABA de ser posto a venda o esplendido repertorio dos melhores discos que se encontram no mercado das ultimas novidades, como: ALMA DE DIOS, NHO DE VALSA e de double face ao preço de \$600 réis cada disco grande. Discos de outras marcas, muito bons de preço, face, grandes, a 750 réis. Ninguem os tem mais baratos, nem mais baratos. Pedidos á CASA SIMPLEX, BICYCLES, DISCOS E MACHINAS FALLANTES, de J. Castello Branco, Rua do Soccorro, 23-B e Rua de Santo Antão, 32 e 34, quer para venda avulso como para revender.

Agencia de VIAGENS ERNST GEORGE

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo.
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.
Cheques para hotels.

RUA BELLA DA RAINHA, 8 — LISBOA

Viagens baratissimas á TERRA SANTA

Receita para curar

- LABIOS FEIOS
- FERIDOS
- FENDIDOS
- ASPEROS
- ENGELHADOS
- SECOS
- INCHADOS
- CIEIRO
- FERIDAS NAS NARINAS
- MAUS CANTOS DE BOCCA
- MUCOSAS IRRITADAS
- ETC., ETC., ETC.

Passar sobre a mucosa, levemente, repetidas vezes, o

LAPIS NAFALAN com sello VITERI

que dá ás mucosas **resistencia, brilho, cor, aroma, frescura,** e o **aspecto setinoso proprio da mocidade e da saude.** Utili em todas as pessoas que se expõem ao vento, á chuva, ao calor, ao frio, ao sol. Os **fumadores** usam-no para evitar a acção do **fumo e da nicotina.**

Lapis com um dedal para costura, 200 réis. Pedidos ao deposito: Vicente Ribeiro & C.ª, 84, R. dos Fanqueiros, 1.ª, LISBOA.

PARFUM
POMPEIA

L. T. PIVER
PARIS

BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO GOTA NEURALGIAS

D. BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.

AS CAÇADAS DE S. A. R. A DUQUEZA D'AOSTA

NA AFRICA PORTUGUEZA

A duqueza de Aosta, irmã da rainha senhora D. Amelia, está actualmente em Africa, tendo visitado a região de Buzi, onde as auctoridades portuguezas lhe ofereceram uma magnifica caçada, que foi cheia dos mais attrahentes episodios.

Tres mil guerreiros indigenas, com as suas armas e os seus instrumentos musicos, desfilaram diante da princeza, que admirou as suas figuras altivas, os seus adornos e as mulheres que os seguiam. O brilhante espectáculo realisou-se na floresta do Chinde, collocando-se por fim a princeza, com o sr. conselheiro Almeida, á frente da legião que a acclamava em gritos de entusiasmo.

Devido á amabilidade do distincto photographo amator sr. J. M. Carvalho, podemos hoje apresentar aos nossos leitores alguns dos mais curiosos aspectos das caçadas e dos espectaculos guerreiros que foram offerecidos á princeza n'aquella colonia portugueza. A sr.ª duqueza d'Aosta, que ficou encantada com a sua viagem á Africa, regressa brevemente á Italia.



1—Sua Alteza Real a Princeza Helena de Orleans, duqueza d'Aosta.
2—A duqueza d'Aosta assistindo ao desfile de 3.000 guerreiros, na região do Buzi.



Sua Alteza a duquesa de Aosta e o sr. conselheiro Almeida á frente de um grupo de guerreiros indigenas na floresta do Chinde



RESULTADO DA CAÇA AO HIPOPOTAMO NO RIO DO BUZI

RESULTADO FINAL DA CAÇA NA LUSITANIA

Z. D. CARVALHO



1—Resultado final da caçada na Lusitania. Os pretos guardando a caça
 2—Caçada ao hippopotamo no rio do Buzi. Um bello exemplar perseguido pelos pretos
 e morto por Sua Alteza.
 (Clichés do sr. J. M. CARVALHO, communicados pelo sr. BARRETO DE MIRANDA)



A DANÇA DO VAMPIRO. — A nova dança do Vampiro, baseada sobre a poesia do poeta inglez Kyplin é executada pela graciosa bailarina miss Violet que a nossa photographia representa nos ultimos passos do ballado.

O PRINCIPE ALFREDO DE LÖWENSTEIN. — Visitou ultimamente a nossa colonia de S. Thomé, onde assistiu á vida que os serviços ali levam, tecendo os maiores encomios á fórma como elles são tratados pelos proprietarios das roças e á administração portugueza. D'este modo fez o mais auctorisado e cabal desmentido ás affirmações de que ali existe a escravatura, conforme os industriaes inglezes Cadbury's, teem espalhado n'uma acerrima campanha de descredito para Portugal.



1—A dança do vampiro.—(Cliché DELIUS)
 2—O principe Alfredo de Löwenstein e o seu secretario sr. Kemner.—(Cliché BENOLIEL.)
 3—A visita da tuna de Valladolid ao collegio de Campolide.—(Cliché de BENOLIEL.)

A ESCRITA DO HOMEM NOTAVEL

*Dimisit Nix columbam ex arca At illa «cuius»
perhas canum olivae virentibus foliis in ore suo» (ho. viii)*

cum volutarentur... de virentibus liberavit eos

Zemmy (D. 108)

- Lira (P. 211) :

*Le rayon d'écriture
s'apprendra plus
tôt en lisant
les lettres que en
travaillant à les
écrire. — Lamartine*

Lamartine

«O homem celebre não deixa a sua pégada impressa na chinella, nem o seu daguerrétypo na poltrona, nem a sua physionomia n'um espelho de barba. No *fac-simile* porém está a sua alma, a sua agitação, o seu espirito, a sua personalidade, a sua tradição viva e eloquente...» — afirmou o Latino Coelho n'um

dos graphologicos modernos, que nos ultimos annos teem encontrado cultores perinazes, entusiastas apaixonados, como Lombroso, Hericourt, Jamin, Kirchner, Decrespe, e outras individualidades igualmente eminentes.

Comquanto a letra de penna soffra modificações sensíveis em determinadas circumstancias, devido a disposições meramente accidentaes, affirmam no entanto os graphologos mais auctorisados que essa differença consiste apenas nos traços accessorios e nunca na fórma geral da escripta, sempre caracteristica, d'um personalismo accentuado com vigor, que revela ás escancaras a vida psychica e define precisamente o caracter do escrevente. E' esta inalterabilidade typica da escripta o principio capital em que se baseia a graphologia para a explanação consequente das suas deducções. Mas a graphologia—como toda a sciencia humana, de resto,—é tambem susceptivel de claudicar, e o graphologo pouco experiente pode commetter erros crassos nas suas affirmativas fallhas de base, sendo portanto conveniente que ninguém se pronuncie sobre os característicos d'um determinado documento quando não possua um tirocinio longo de estudo, uma larga pratica de analyse para se não deixar cahir, vexatoriamente, n'aquelle precalço comico de Balzac. Como é sabido, o auctor da *Physiologia do casamento* tinha fumaças de graphologo habil; ora um dia uma senhora da sua amizade, apresentando-lhe os cadernos de escripta d'um rapazito de treze annos,

*Opère française,
c'est une vie, c'est un
drame de la vie,
qui flétrit le Diable.
C'est un livre profond
souriant dans vos yeux,
flambeaux étalés sur la terre,
Rallumez vos yeux aussi*

Gerard de Neval

artigo publicado na «Semana», jornal litterario da *élite* que se publicava em Lisboa ahi por 1850, quando o estudo do caracter do individuo effectuado por meio da sua propria escripta estava ainda n'uma phase simplesmente embryonaria, muito vaga, rudimentarissima. Do cultivo da nova sciencia só se conheciam então algumas modestas tentativas, isoladas, entre as quaes se distinguam com maior relevo as de Cagliostro e de Hocquart, que, todavia, se tinham limitado, apenas, a seguir as passadas do philospho italiano Baldo no seu curiosissimo *Tratato come de una lettera missiva se cognoscano la natura o qualità delle scritture*, publicado na ultima metade do seculo xvii.

Em 1868, porém,—dezoito annos depois de ter visto a luz da publicidade o artigo de Latino, convem frizar,—surge o abade francez Michon, grande colleccionador de autographos, que inventa o termo *graphologia* para designar esse novo ramo de sciencia nascente, ao passo que no seu jornal primitivamente lithographado, replecto de *fac-similes* preciosos, proclama convicto que o exame da escripta revela o caracter e até o grau de intelligencia da pessoa que a executa, visto existir uma relação directa entre o cerebro, sede do pensamento e da vontade, e a mão que exteriorisa e fixa o conceito. Data d'ahi a orientação definida, o caminho rigoroso, preciso, dos estu-

solicitou, com extremo empenho, que lh'os analysasse e lhe dissesse abertamente a sua opinião. O romancista, com ar importante, pegou nos cadernos e, virando-os e revirando-os, fez a

*«Affirmo in Galileo Galilei a le rigori addece nella
mia scrittura, li due kilometri nel squaetto caso
facor egualor devuto dalla uera linea, et hauer
amante l'oragom (e) g'oni»*

L'artiste vit tout haut. Une œuvre
d'art, roman, drame, tableau, statue, est
au sein de la nature vu à travers un
tempérament

Smile } 207

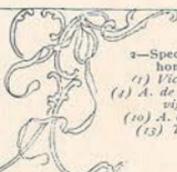
zes, profissionais, consultados sobre a sexualidade da escripta por uma das mais importantes revistas de Paris, se equivocarão, desastrosamente, attribuindo caracteres graphicos de individuos do sexo masculino a individuos do sexo feminino e vice-versa!

Estes factos, comtudo, não liquidam de fórma alguma a auctoridade systematica da sciencia graphologica, ainda bastante nova no seu definitivo alcance experimental, de facto, mas de condições já muito peremptorias, e de revelações d'uma evidencia assombrosa, e cuja interferencia na solução de casos intrincados da

analyse attenta da letra; depois, annuviado de constrangimento, olhando a dama compungido, inquiriu hesitante se a creança lhe parecia. Recebendo, porém, uma resposta negativa, encheu-se de coragem e, desassombrado, formulou o seu juizo, dizendo, sem pápas na lingua,—que o rapazito era de esoladoramente estúpido, que nunca faria coisa alguma no collegio, que achava preferível ensinarem-lhe antes um officio. A dama desatou a rir com alma, deliciada; e explicou ao escriptor, assombrado, que aquellos cadernos de collegial lhe tinham pertencido a ella propria quando creança!

A opinião precipitada sobre uma determinada materia que se não conhece a fundo, em todos os seus escaninhos, traz sempre d'estes desapontamentos. Ainda ultimamente, poucos annos passados ha, alguns graphologos france-

iiiiiii	iiiiii	iiiiii	iiiiii	iiiiii	iiiiii
(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
DDDD	DDDD	DDDD	DDDD	DDDD	DDDD
(7)	(8)	(9)	(10)	(11)	(12)
DDDD	DDDD	DDDD	DDDD	DDDD	DDDD
(13)	(14)	(15)	(16)	(17)	(18)
DDDD	DDDD	DDDD	DDDD	DDDD	DDDD
(19)	(20)	(21)	(22)	(23)	(24)



1—Autographo de Zola

- 2—Specimens do i e do d manuscritos de varios homens notaveis (agregação fac-similica)
- (1) Victor Hugo, (2) C. Delavigne, (3) Béranger, (4) A. de Vigny, (5) Byron, (6) Gautier, (7) C. Delavigne, (8) André Chénier, (9) Beranger, (10) A. de Vigny, (11) Musset, (12) T. de Banville, (13) T. Gautier, (14) H. Moreau, (15) Leconte de Lisle, (16) Gerard de Nerval, (17) Baudelaire, (18) V. Hugo, (19) F. Copée, (20) Verlaine, (21) Richepin, (22) Vicaire, (23) J. M. Heredia, (24) Byron.
- 3—Autographo de Victor Hugo.

vida pratica tem sido d'uma utilidade sufficientemente comprovada.

E', especialmente, como elemento de estudo do caracter dos homens eminentes nas diversas manifestações da intelligencia que, mais a meudo, se emprega a graphologia, e d'ahi ter-se confirmado, de extremo a extremo, um auxiliar scientifico bellamente utilitario para a revelação integral da personalidade psychica do homem notavel.

Para se conseguir traçar o retrato graphologico d'um determinado individuo é necessario proceder-se ao exame rigoroso da sua escripta espontaneamente executada —analysando a legibilidade

Phélogion, ~~trouvé~~ — Revenus
~~Alors~~ ~~perceus~~,
 en fouillant on ne sait sous quelles épaisseurs,
 Vous avez découvert un Dieu sans fin, sans forme ;
 Vous niez qu'il se lasse et Vous niez qu'il dorme ;
 Ce Dieu n'a pas d'histoire. Est-il juif, arabe,
 grec, indou, persi ? non. il ne ressemble à rien.
 Il n'a pas de légende aménageable en cantique.
 Raisonnons, croyez-vous ce Dieu-là bien pratique ?

¿Quién soy? ¿Quién lo sabe? Yo mismo lo ignora
 Creyera sincero del Dios en quien fío,
 a él solo me humillo y a él solo le imploro;
 Si quis te he hallado velado en tuen mio,
 Si quis te bendigo, te canto y te adoro;
 Si quis sus oraciones aviva con brío,
 cantar mi fe prime no tengo adadoro,
 no tengo del padre engendra, e decia,
 mi pan con él parto, su mal em él llora
 y no me da minima recelo ni hastio
 ni abulto traje, su orona manvini
 Los mas escondidos rincones explora,
 y en todos á todos mi fe los confio,
 cantando á los unos un acutorombrio
 y haciendo con otros ferviente oración

1—Autographo de Zorilla

2—Quadro onomatographico

- (1) Antonio Rubinstein, (2) Leconte de Lisle, (3) Marat, (4) Victor Hugo, (5) Mistral, (6) Octave Feuillet, (7) Berthelot, (8) Auguste Barbier, (9) Chateaubriand, (10) Lamartine, (11) Gladstone, (12) Castelar, (13) Gambetta, (14) Stéphane Mallarmé, (15) Moltke, (16) Théophile Gautier, (17) Daudet, (18) Musset, (19) Littré, (20) Albert Samain, (21) Arnould, (22) Henri Martin, (23) Bonihot, (24) Auguste Vacquerie
- 3—Autographo de Christovão Colombo.

facil ou a confusão manifesta, a direcção das linhas, a grandeza da letra, as variedades de desenho calligraphico, pontuação, sublinhados, accentuações, etc.— comparando entre si diversos autographos do mesmo escrevente, tendo-se sempre em vista que os característicos mais preponderantes n'elles são precisamente os elementos mais uteis, da maior valia, para o juizo terminante, para as conclusões rigorosas a tirar da analyse.

Na escripta ha tres letras minusculas, principalmente, que merecem ao graphologo uma attenção muito especial, pois são quasi a chave soberana que abre, reveladora, os mysteriosos arcanos graphologicos onde prevale-

to interessante pela variedade caprichosa do seu desenho.

No quadro onomatographico que acompanha este artigo acham-se compilados por aggregação fac-similica, propositamente feita, firmas autographas de varios homens notaveis nas quaes o *t* entra como um dos elementos componentes. Vejamos, pois, o que elle demonstra de per si.

Considerado isoladamente o *t* das firmas (20) e (23) revela fraqueza de vontade ou vontade nulla; nas firmas (5) (12) (15) e (16) exprime vigor, vontade forte e conciliadora; decisão, iniciativa, audacia, nas (2) (4) (14) (16) e (21), nas numeradas em (8) (10) (13) e (19) franqueza e vivacidade; teimosia (9) (11) e (17); (3) e (18) resolução; auctoritarismo ou orgulho (14) e (22); (1) e (17) tenacidade, firmeza, perseverança; e (6) e (24) escripto profundamente critico.

O *i* que — dizem — forceceu ao abbede Mi-

Ant. Rubinstein Leconte de Lisle.

Marat Victor Hugo

Octave Feuillet M. Berthelot

Merkequavis ad Bonartus

Emilio Castelar Léon Gambetta

J. Motture Félix Martini

Feldmarschall Eugénie de Saxe

Colf de Muffet E. Littré

H. Bonihot Auguste Vacquerie

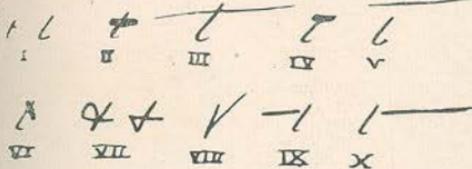
chon o primeiro elemento para o estudo do caracter pela escripta, é tambem interessantissimo na sua forma graphica e extremamente curioso sob o ponto de vista graphologico.

No quadro de specimens os *is* agrupados pelos numeros (1) (2) e (3) revelam actividade de espirito; os numeros (4) e (5) concepção prompta, intuição, e algumas vezes estouvamento; e, entre outras qualida-

El abbe de M...
 y...
 de...
 capto...

S A S
 X M Y
 XPO FERENS





I—Côrte do T ausente ou leve indica a ausencia da vontade ou vontade fraca. II—O côrte forte indica fortaleza de vontade. III—Alongado e leve vontade de mais viva do que forte. IV e V—O côrte no alto da haste, vontade auctoritaria, dominadora, mais violenta do que irritada. VI—D'alto a baixo, vontade obstinada. VII—Vontade tenaz. VIII—Côrte formando angulo na base da haste; energia, firmeza. IX—Côrte antes da haste, vontade hesitante. X—Côrte traçado depois da haste, iniciativa, impulsivismo, o gesto mais rapido que a palavra.

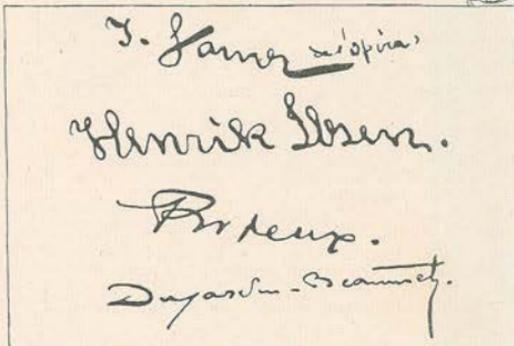
lados, e depois fazer a identificação criteriosa dos caracteristicos mais predominantes, sendo da maior conveniencia confrontar diversos manuscritos d'esse mesmo individuo, para assim a classificação resultar o mais possivel exacta. Em graphologia essa tarefa—que se chama o trabalho de resultantes—é a mais difficultosa pela grande responsabilidade que d'ella advem.

Applicando a theoria á pratica, auxiliado pelos meus modestos conhecimentos de graphologo amator, tentarei agora traçar o retrato graphologico de alguns concepcionistas de destaque e outras individualidades eminentes contemporaneas. Assim na escripta tão pittoresca de Victor Hugo—que na elaboração cuidada das suas obras assombrosas escrevia sempre de pé,—nota-se imaginação, actividade de espirito, clareza, e, sobretudo, sentimento esthetico innato, e são, de resto, estas mesmas qualidades que se vêem na d'esse bello artista do verso que ultimamente nos visitou—Jean Richepin.

Denota orgulho, colera, ambição, a escripta de Casimir Delavigne, o grande poeta dramatico das *Vesperas Sicilianas* e do *Luiz XI*; a do poeta tragico francez Antonio Vicente Arnault revela vivacidade e ardor; melancolia, inquietação, a de Baudelaire, traductor fiel de Edgar Poe, lyrico extraordinario das *Fleurs du mal*, sonetista primoroso de *Les chats*; pronunciada actividade de espirito a graphia tre-

mula de André Chénier, o desventurado poeta que expirou no cadafalso; exprime egoismo, energia, reserva, fineza, a escripta typica de Théophile Gautier, devotado apostolo do romantismo, que perfumava o seu gabinete de trabalho, queimando pastilhas orientaes odoríferas, antes de pegar na sua penna de polygrapho distincto; resalta minucia, fineza, espirito analytic, a de Paul Verlaine, o poeta de vida errante, chefe dos symbolistas, auctor da *Sagesse*, esse epico pedestal da sua gloria; a de Lamartine revela muita fineza, muita minucia; e abertura d'alma, uma franqueza extrema, a de Hégésippe Moreau, contista impeccavel do *Gui de chéne*,

lyrico delicioso de *Le Myosotis*, pobre bardo vagabundo arrastando a sua miseria pelas vielas lugubres de Paris até que por fim foi morrer ao catre do hospital de La Charité!



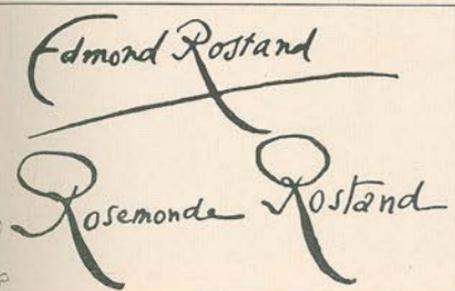
A assignatura seguida d'um ponto, na nossa epoca convulsiva, significa desconfiança, inquietação, pessimismo. E' o ponto neurasthenico.

Na escripta calligraphica de D. José Zorilla e na de Gerard de Nerval, o tresloucado suicida da rua de la Vieille-Lanterne, nota-se cultura de espirito, originalidade, franqueza, abertura d'alma, tendencia para a abstração morbida.

Encontra-se perfeitamente caracterizada na escripta justaposta de Zola a sensibilidade e a impressionabilidade intellectuaes, um bello espirito de systema, uma grande originalidade de concepção.

A escripta typographica de Leão XIII, o summo pontifice-poeta, exprime imaginação de verdadeiro artista, intelligencia ampla, largo sentimento esthetico, espirito de profundo pensador, enquanto que a de Robespierre revela claramente ardor, ambição, audacia, tendencia extrema para a actividade decidida e intrepida.

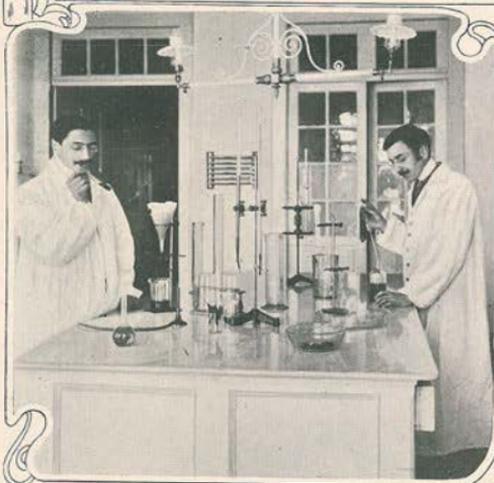
Tencionava occupar-me ainda da escripta dos nossos homens superiores mais em destaque, mas, como sobra o assumpto e falta o espaço, reservar-me-hei para n'um futuro artigo *Os autographos da Bibliotheca Nacional*—explanar então tudo o que de curioso e digno de nota se offerecer á minha modesta analyse de graphologo incipiente.



Dois esposos fazendo mutuas concessões, confundindo as suas qualidades, defeitos e mesmo talentos, terão formas graphicas quasi identicas

PATROCINIO RIBEIRO.

AS MARAVILHAS DA ASEPSIA.



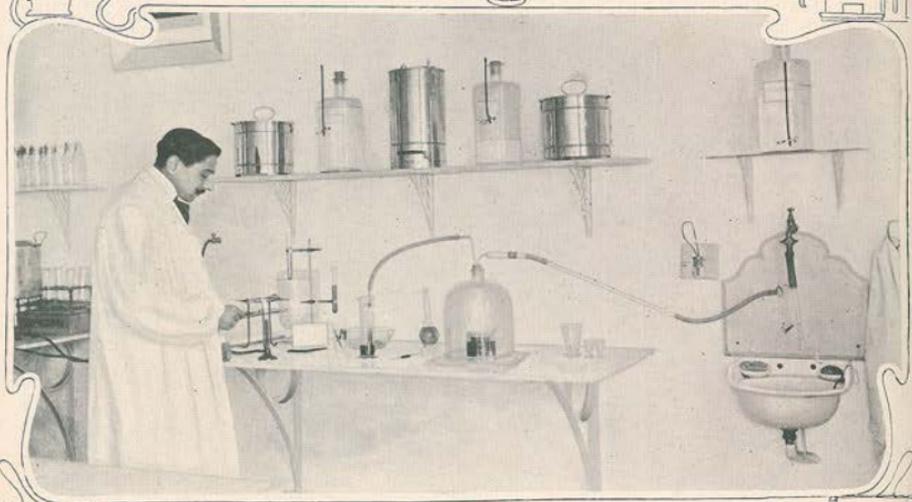
gam n'um lunatico devaneio.

Felizmente, hoje, a botica fresca dos seculos passados onde se viam frascos de louca artistica, em vidraças acanhadas e S. Miguel ao meio, hirto em nicho classico, a celebrada botica vae desaparecendo, á medida que o progresso invade o mundo e o avassalla. Nos tempos actuaes, os verdadeiros laboratorios pharmaceuticos onde se aviam os re-
cettuarios clinicos tendem a ser verdadeiras «zonas limpas», onde o rigorismo do mais absoluto cuidado na desinfecção se opera; muita luz a varrer a casa; muito ar a ventilar o meio; placas de vidro a separar as attribuições; chãos unidos de corticite; paredes lacadas; mezas de marmore; estantes onde se alinham, libertas de contactos, baterias de medicamentos, formados como batalhões.

N'um constante aperfeiçoamento, a sciencia vae revolucionando os velhos methodos empiricos da Arte de curar.

Como se está longe do ironico boticario ainda do seculo XIX, com as suas formulas de magicos elixires, distillados em retortas bizarras com sortilegios macabros... N'esse tempo os processos de investigação eram rudimentares. Era ainda a phantasia medieva creadora da pedra philosopha, á roda da qual ainda hoje cabalisticos espiritos vo-

Os preparadores deixaram já o ritual antigo dos sortilegios. A balança marca ao centimiligramma o peso dos elementos activos. As vellas dos filtros Chamberlain excipiam á agua toda a sua flora microbiana. As pilulas são feitas em machinas. As pomadas compostas com diadermina ou

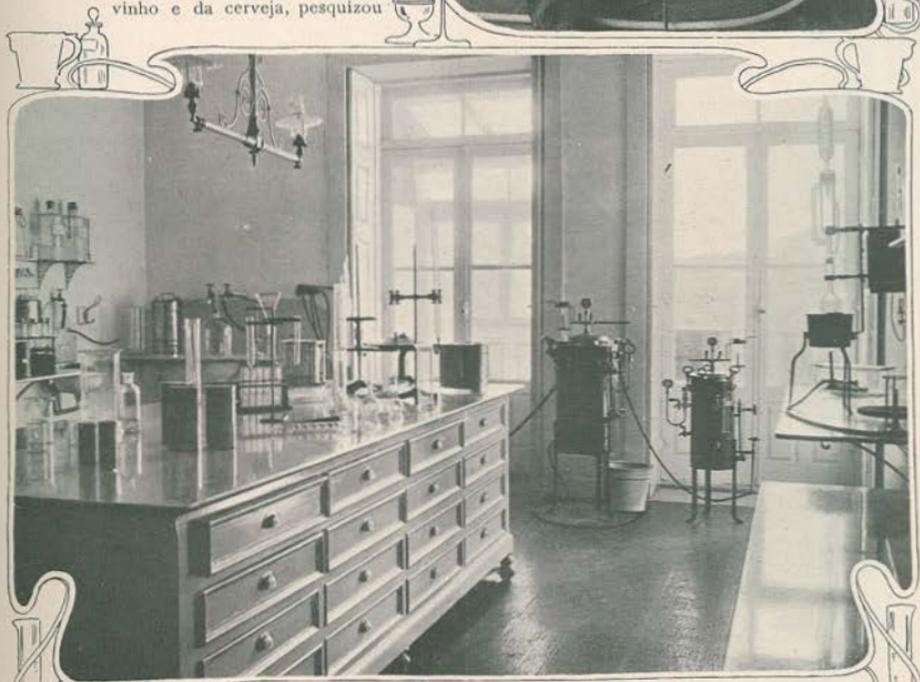


1—Preparação de solutos.
2—O funcionamento dos apparatus de Eury.

vaselina esterilizadas. Os infusos, quando se pedem, o que é raro, passam através de filtros de papel ou amianto, por funis de vidro esmeradamente limpos. A um canto torneiras de água fria e quente, accionadas por pedaes, servem para lavar, em cada phase da operação, as mãos do manipulador.

O auxilio que as descobertas de Pasteur vieram offerecer á sciencia é incalculavel. Desde a hora em que esse homem genial, sem duvida a maior celebridade terrena de todos os seculos, poude demonstrar a acção dos infinitamente pequenos—uma luz radiou, como se fôra uma aberta de sol no dia tenebroso do passado. Foi uma revolução que se fez. A principio os zoilos jogavam as mais arrojadadas catapultas contra o innovador. Mas as pedras nem sequer attingiam o alvo. Cahiam aos pés do maior dos homens, como se fôsses atridas por inconscientes... Desde esse dia, o empirismo vacillou. Morreu até. O rasgo no preconceito foi tão violento que os farrapos, que ainda por vezes se percebem aqui e além, nem sequer podem tremular no sopro avassalante e glorioso da maior das conquistas humanas.

E que victoria foi essa ganha sobre a morte, dirá o leitor? O grande sabio que ha 15 annos dorme na crypta recatada do Instituto Bacteriologico, que tem o seu nome em Paris, descobriu a natureza verdadeira dos fermentos do vinho e da cerveja, pesquisou



1.—O autoclave Sorel. 2.—Um pequeno laboratorio modelo.

a doença do bicho de seda, do cholera, do carbunculo. Conseguiu dominar a raiva. Lançou as bases da sciencia bacteriologica, que tantos seus discipulos continuam brilhantemente. Hoje, pôde dizer-se que só a origem do cancro e a sua cura ainda é um enigma.

Das outras doenças microbianas, quasi todas tem o seu cadastro formado e, para as anniquillar, os aboratorios tem preparado séros curativos, alguns dos quaes são poderosissimos e radicaes.

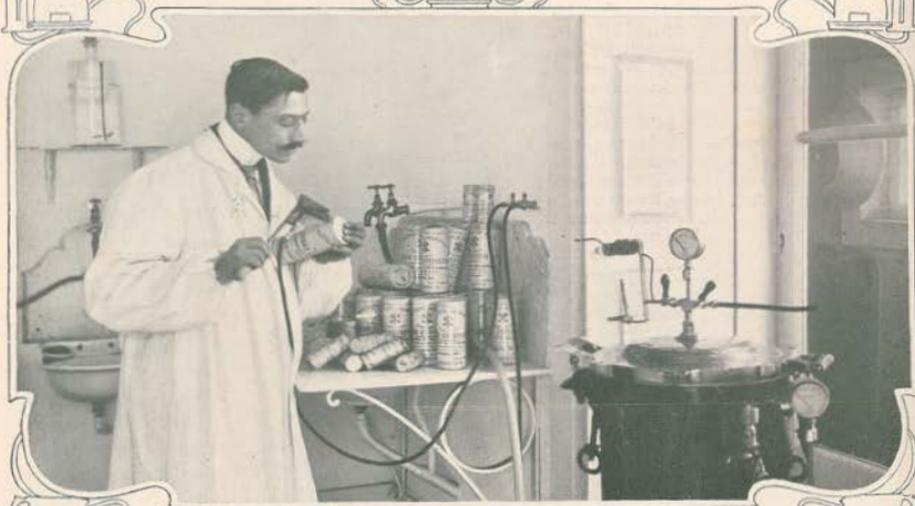
A sciencia moderna transformou os processos curativos dos nossos paes por completo. Hoje, pôde fazer-se uma lucta sem treguas aos agentes infecciosos, microscopicos organismos que atacam a toda a hora o homem. E são de tal modo radicaes os progressos feitos n'este campo que pôdem aloitamento jugular-se as epidemias, por mais accesas, que in-

autoclaves «Sorel» proprios, que automaticamente trabalham. Os autoclaves são aparelhos que tem por fim esterilizar, por meio do calor, os pensos que se lhe introduzem no interior: gazes, algodões, ferros que se querem asepticos.

D'esses productos precisa hoje o cirurgião. Quanto longe se está dos methodos rusticos em que foram educados muitos medicos que ainda vivem.

As salas de operações actuaes realisam o supremo da asepsia. Desde o pavimento e paredes desinfectadas e ao ar desprovido de germens; desde a placa de vidro sobre a qual o doente vem para a meza operatoria, até á mascara de tarlatana e luvas de borracha empregadas pelos operadores e os ferros, tudo é attentamente tornado esteril para as intervenções cirurgicas.

A victoria e o avanço da cirurgia



Como se fecham as caixas de pensos.
(Photographias do Instituto de Hygiene do Porto)

feccionem os povos. Promovem-se, com o maior acerto, os meios de combate contra o mal, pelo uso de substancias, com poderes variaveis, de eliminacão da doença. Podem mesmo, sem se empregarem as poções bebidas ás colheres, usar melhores processos de administração medicamentosa. As injeções sub-cutaneas de solutos com substancias activas, por meio de seringa esterilizada e agulhas de platina, fazem melhor entrar na circulação do sangue os diferentes antidotos. E' o modo, por excellencia, de atacar os efeitos das intoxicações, pois poupa-se o aparelho digestivo e, em natureza, se dá a absorção pela rede dos lymphaticos. O medico tem á mão, hoje, todos os solutos doseados impecavelmente para esse fim, em ampolas esterilizadas, que em Portugal já se preparam. Umas, a frio, em aparelhos proprios de Eury, no qual, por meio do vasio d'uma trompa d'agua, se enchem. Outras, em

vão até ao ponto de o celebre operador Doyen ter já substituido parte d'uma arteria, onde havia aneurisma, por um troço arterial d'um cão. Só pela asepsia é que taes conquistas se fazem...

A asepsia, ou seja a desinfectação por meios não chímicos, é o supremo *desideratum* da hygiene. O calor bem dirigido é o agente que melhor anniquilla os germens infecciosos.

E' um methodo preventivo, utilisavel em muito da nossa vida até. Da desvantagem dos antisepticos que mortificam os tecidos, sahio este moderno campo de acção scientifica. Fazer a asepsia, até no moral é bello. E o sol glorioso que doira este paiz é o melhor e mais formidavel dos agentes d'esta magica conquista do homem.

DR. AMILCAR DE SOUSA.

A CAÇADA À BALEIA NOS AÇORES



Nos Açores, a ilha em que a lucta pela vida é mais ardua é a do Pico, devido ás condições vulcanicas do seu sólo, na maior parte cultivado de vinha, sendo poucos os terrenos que se apropriam á cultura do trigo ou do milho. Ha terrenos cultivaveis que foram feitos arrancando pedra por pedra, que, amontoada uma sobre a outra, forma verdadeiros monticulos!

Quer nos trabalhos do campo, quer nos de mar, o picoense é um luctador tenaz, labutando desde o amanhecer até ao pôr do sol. Vêmol-o curvado sobre os ardores do estio, entre as parediñas escuras das vinhas; vêmol-o na serra a cortar lenha; vêmol-o nas pastagens a ordenhar as vacas; vêmol-o á beira do mar, nas praias, a apañhar sargaço para estrumar as terras; vêmol-o atravessar o canal, que separa a sua ilha da do Fayal, em barcos de bocca aberta, a rémos ou á véla consoante o tempo, sob a calmaria do tempo bonançoso ou sob o cachão do mar encaPELLado, fugindo á vaga que o vento impelle, com a borda de sotavento quasi a beber agua; vêmol-o ir ao currico das bicudas em pequeninas embarcações; vêmol-o na costa, saltar de pedra em pedra, de canhão ao hombro, ou então por noites tempestuosas de inverno á procura de madeira que lhe sirva para assoalhar a casita terrea; vêmol-o — e aqui é que eu desejo evidenciar a sua psychologia de marinheiro. — á caça da baleia, desprendido do perigo que

o cerca. Ao signal da baleia á vista dado pelo vigia, que, desde madrugada, foi para um monte de onde se avista grande extensão de mar, elevação que os habitantes da villa vêem das suas casas e das suas terras, todos correm para o porto, deixando suas occupações, lançando rapidamente ao mar as canoas, provendo-as dos baldes, das cêlhas com as linhas, dos arpões, dos rémos, dos mastros, das vélas, não esquecendo nada, collocando-se cada um nos seus logars, seis homens aos rémos e um ao de esparrêla.

Na occasião precisa é que o trancadór deixa o seu rémo e vae para a prôa, de arpão em punho.

Cada canôa leva tres arpões, quatro lanças e duas cêlhas—a grande e a pequena— com as linhas, perfazendo ambas o comprimento de 200 braças.

A villa das Lages, de onde obtivemos as interessantes photographias que acompanham este artigo, possui duas grandes companhias de pesca á baleia (o termo pesca é o empregado usualmente), com dezeseite canoas, arreado geralmente quatorze.

A divisão do azeite, como remuneração do serviço presta-lo, sobre ser curiosa é de um grande ensinamento: o official ganha, em média, por



1—A villa das Lages com o Pico ao fundo.
2—Canôa baleeira construida na villa das Lages e officada a el-rei D. Carlos por occasião da sua visita aos Açores.



cada vinte barris, um; o trancador por cada trinta, um; o marinheiro robusto e entendido, por cada quarenta, um; o rapaz ou o velho, por cada cinquenta a sessenta, um.

A capacidade do barril é de 31,5 galões, medindo cada galão 5,1714. O imposto recae sobre o barril valorizado em 75000 réis.

A canôa baleeira é uma embarcação esguita, de duas prôas, do molde das usa as pelos navios baleeiros, e que elles conduzem nos turcos, dando-lhes um aspecto original.

Construidas de madeiras leves, são facéis de remar, adquirindo grandes velocidades quando vigorosamente remadas pelos seus compridos seis rémos, obedecendo rapidamente ao rémo de esparrela, que sae pela pôpa fóra, substituindo assim o léme.

E' um bello espectáculo a largada d'aquellas embarcações para o mar, disputando-se entre si qual ha de chegar primeiro ao cardume de baleias signalado pelo vigia, e de que o fumo de fogueiras, collocadas em certas direcções, vae indicando o rumo. Depois, quando a distancia é grande e o vento é de feição, erguem-se ao mesmo tempo quasi, como a uma voz de commando, vélas enormes, tendo cada uma, pintados a preto, um quadrado, uma estrella um losangolo—signaes distinctivos da companhia a que pertencem. E é vél-as então, tombada a um lado, os

homens sentados na borda de barlavento, como a equilíbal-as, voando

por de sobre o mar, até desapparecerem muitas vezes no horizonte.

Em terra ficaram as mães, as mulheres e os filhos d'esses homens, possuidos todos da fé e da resignação com que os pobres costumam encarar o que para os ricos é o perigo ou a temeridade.

A sahida para a baleia é para elles um divertimento, —um divertimento que pôde terminar por uma desgraça, que tem terminado muitas vezes por uma desgraça, mas que elles esquecem facilmente, na mira do que pôdem ganhar.

E' a morte a dois passos. E com que alegre despreendimento elles vão para ella, Deus meu! Não lhes conheço hora mais alegre do que a de «baleia á vista.»

Na povoação tudo sahe á rua; todos correm para o porto; tudo trabalha, tudo ajuda! E só todos voltam aos seus trabalhos—as mulheres á sua costura ou ao seu lar, os homens á sua labuta, as creanças á sua escola,—quando as canôas sahiram o porto e seguiram seu rumo.

Na manhã clara de abril, o vigia, d'oculo assistado, vae observando as peripécias da caçada. Chegou uma canôa; chegou outra. Ao largo, para sobre o mar calmo, semelhante



casco de submarino, enorme cetaceo.

A remada agora é mais vagarosa. Acha-se já á prôa, em pé, o trancador. E' marinheiro forte e novo, de pulsos tatuados, largo peito, barba loira, passando-lhe por debaixo do queixo, de arrecadas nas orelhas, olhar vivo, braço estendido, arpoem em riste, cabeça descoberta ao vento, attitude prompta de arremessar, como essas figuras antigas de guerreiro nos combates medievales.

Grande e magestoso quadro o d'esse animal ferido! As aguas, que leve brisa encrespavam, cavaram de repente profundos abysmos, ergueram de repente altas montanhas. As canôas, afastadas d'aquelle verdadeiro torvelinho, subiam e desciam ondas, como accossadas por tempestade. E a linha presa ao arpoem, que se fóra fincar nas carnes do animal, corria da celha pela prôa da embarcação, n'uma velocidade de vertiginosa, carreira que a pouco e pouco foi sfrouxando, até quasi parar. D'ahi a instantes o mar tingia-se de sangue. Aparecia então, á tona d'agua a baleia já exhausta de forças, quasi morte



1—Canôas baleeiras rebocando um cachalote.
2—Duas baleias de cem barril no local onde vão ser cortadas.
3—O cortar da baleia.

Acabaram de a matar com as lanças.

A's vezes acontece não ser assim, não se passarem as coisas d'este modo. A's vezes a linha que corre corta a perna do trancadôr, como se fosse a faca; ás vezes a cauda da baleia, n'um movimento rapido, despedaça a canôa, espalhando pelo mar os seus tripulantes; ás vezes a linha prende-se, e a canôa acompanha o animal no mergulho; ás vezes, se acontece a baleia seguir entre duas aguas, e a linha não corre, a embarcação é rebocada vertiginosamente; ás vezes... mata!

A divisa d'estes luctadores é arpoar, arpoar sempre. Em uma occasião que a baleia tinha despedaçado duas ou tres canôas, os tripulantes, em perigo de vida, rejeitam o socorro das outras embarcações, mandando-os em perseguição do peixe «que era para cima de cem barris!»

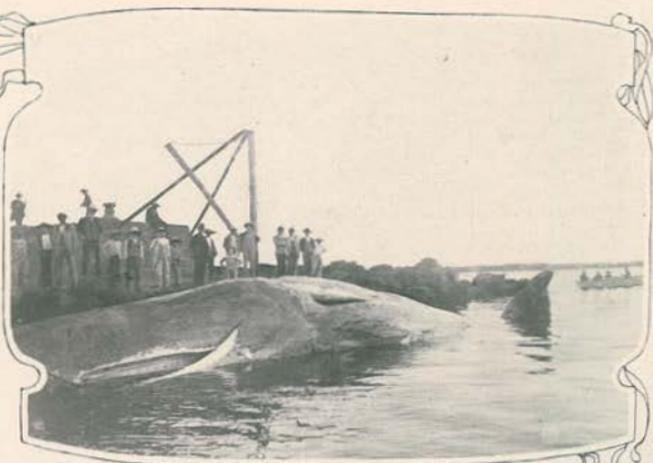


Designam-se em geral com o nome de baleia varios generos de cetaceos.

A baleia verdadeira tem a cabeça volumosa, o corpo atarracado, diminuindo bruscamente de grossura para a cauda. Attinge o comprimento de 25 metros e o peso de 150.000 kilogrammas.

As variedades principaes são:

Right-whale—baleia franca—de dorso arqueado, e da qual se tiram as melhores barbas (genero-balaeno).



Sperm-whale—baleia provida de dentes no queixo inferior, tendo na parte superior da cabeça grande quantidade de azeite e de espermacetti. E' o cachalote encontrado nos Açores.

Humps-back—baleia caracterisada por uma corcova no dorso.

Gray-whale—é uma das maiores baleias que dão azeite. Habita nas bahias da California.

Fin-back—caracterisada por uma barbatana proeminente no dorso (genero balaenoptero).

Black-fish—variedade de baleia pequena.

Gramps—cetaceo de genero golfinho, e tambem muito apreciado pelo seu azeite (dentes nas duas maxillas).

O principe de Monaco, n'uma curiosa entrevista com o dr. Portier, director do Laboratorio de Physiologia da Sorbonne, diz «caça-se hoje o balaenoptero, como se caçava outrora a baleia franca, que era muito mais facil de capturar».

A *fin-back* é rara nos Açores. Quando succede apparecer e vem acompanhada do filho, os baleeiros o que procuram é arpoar este, porque a mãe, levada de um grande amor, não o deixa emquanto o não vê morto, e é então facil mata-la com as lanças! Se acontece o filho morrer logo, e a mãe vê que o não pôde já defender, não é possivel apañhal-a.

Falando do cachalote, diz o principe de Monaco ser formidavel a força d'estes animais, e acontece, quando atacados, defenderem-se com violencia selvagem. Os baleeiros tem sobretudo a temer o furor das fêmeas quando lhes roubam o filho.



1—Uma enorme baleia pouco depois de ser rebocada.
2—A cabeça de uma baleia

Bullen, baleeiro americano, autor de um livro muito interessante sobre a caça ao cachalote, cita o caso de uma fêmea que, privada do seu filho, tritureou nas costas da Califórnia, durante uma única estação de pesca,



Princesse Alice o ancoradouro de Angra, ilha Terceira, quando a minha atenção foi absorvida por duas pequenas velas que se afastavam da costa, seguidas de outras. «As embarcações não tardaram a approximar-se



cincoenta e duas embarcações entre as suas formidáveis maxillas!

Em 1805, navegando o príncipe de Monaco no mar dos Açores, assistiu á captura de um d'es es enormes cetaceos.

«A 18 de julho, —conta elle na entrevista com o dr. Portier—deixava o



dos cachalotes, que lançam para o ar o seu pennacho de vapor, e um dos animaes é arpoado. A baleeira, ao principio arrastada na doida carreira, diminue a andadura, e, quando eu cheguei, o animal recebia do trancadôr a primeira lançada. Pouco depois a columna

- 1—Canôas regressando ao porto das Lages.
2—Baleia de 100 barris amarrada no local onde vae ser cortada.
3—Fragmentos de baleia promptos a ser derretidos, e a entrar nas caldeiras



Corte da baleia.

de agua vaporizada, que o cachalote atirava para os ares, tingiu-se de c6r de rosa, depois de vermelho, e o proprio mar se coloriu d'aquella c6r em volta do animal, que perdia sangue aos borbot6es.

«Começou immediatamente em volta de nós a agonia de um gigante. Aquella massa, que parecia adormecida, por vezes submergida no mar ensanguentado, oscillou: uma cauda enorme bateu com violencia a toalha vermelha que ondulara entre a vaga e que se abriu por alguns momentos para dar logar a turbilh6es de escuma branca.

Perturbado pela grandeza desconhecida d'este spectaculo, seguindo-o ardentemente como o de uma vis6o prestes a fugir para sempre, eu sentia-me commovido por aquelle soffrimento t6o grandiosamente manifestado, lamentando esse potentado do mar, que, durante seculos, talvez, percorreu tantos horizontes nos mais profundos abysmos sem temer um inimigo; que brincou sobre as ondas de mil tempestades, e que succumbia agora ao golpe da lanca de um pygmeu!

«De repente o cachalote cessou de fustigar o mar, e como se a nossa approximação reanimasse o seu cerebro, dirigiu-se rapidamente para nós.

Inquieto, eu perguntava a mim mesmo o que iria produzir o choque d'aquelle corpo lançado contra o costado do navio, quando o cachalote, a

vinte metros, desappareceu.

«Iria elle quebrar a quilha, o leme ou a helice com o roçar do seu dorso ou o bater da sua cauda?

«Taes foram as inquietações que me assaltaram durante dez segundos, no fim dos quaes o colosso inerte reapareceu do outro lado do navio perfectamente parado».

Na bahia de Hudson, um d'estes monstros chegou a produzir quatorze toneladas de azeite!

Não são o azeite e o espermacetti os unicos productos extrahidos do cachalote.

Encontram-se nas visceras volumosas massas arredondadas, residuos da digest6o dos cephalopodes, unicas presas do

cetaceo.

Estes molluscos segregam productos almiscarados, que, modificados pelos succos digestivos do cetaceo, trabalhados pelas bacterias da sua «flora intestinal», fornecem uma substancia de aroma agradavel, e que f6rma a base dos perfumes os mais delicados: e do ambar gris.

Mal imaginas tu, gentil mulher, ao apeares-te do teu automovel, e ao entrares no sala6o de S. Carlos, que o perfume evolado dos teus hombros nus, do teu cabelo loiro, veiu do intestino do cachalote e dos residuos da sua digest6o!

RODRIGO GUERRA.



Caldeiras onde se derrete a baleia.

A VERTIGEM

PEÇA DE AUGUSTO DE CASTRO
EM SCENA NO THEATRO
D. AMELIA



1—Augusto de Castro e a sua principal interprete a actriz Maria Falcão.
2—A scena do segundo acto entre Augusto Rosa (Fernando Lima) e Antonio Pinheiro (Silvestre Paixão)

O theatro moderno tem entre nós, em Augusto de Castro, um dos seus mais brilhantes e mais suggestivos cultores. Não era necessaria esta ultima prova real dada na *Vertigem*, alta-comedia interessantissima pela intenção e pelo *métier*: já no *Chá das Cinco*, no *Caminho Perdido* e no *Amor á Antiga*, o mais moço e nem por isso o menos scintillante dos nossos dramaturgos consagrados, se affirmára um *virtuose* do dialogo, um improvisador dramatico de alto valor e de fortes recursos, e uma das mais originaes, nervosas e complexas figuras da moderna litteratura portugueza. A poucos é dado construir uma obra de theatro com mais elegancia, mais subtilidade, e, ao mesmo tempo, mais verdade nos sentimentos e nas paixões. As suas personagens vivem, palpítam, movem-se sem convenção e sem esforço; o seu dialogo é flagrante e verdadeiro, scintillante e animado; os elementos dramaticos que constituem as suas fabulas predilectas, são fortes e profundamente colhidos na Vida. Desde

o *Mena do Amor á Antiga* até ao *Chico da Vertigem*, desde a *Morgada* que exhibe a solemnidade da sua seda rôxa, até ao humanissimo *Sr. Paixão* que se commove e rôe as unhas, todas as figuras creadas por Augusto de Castro surgem, coloridas e movidas pela mais flagrante das observações, agitam-se na acção, não como bonecos mas como creaturas vivas, e se alguma vez, porventura, se afastam da realidade, é para, attingir a nobreza e a amplitude do symbolo. E' o que especialmente succede na *Vertigem*, actualmente em scena, com exito, no theatro D. Amelia: *Maria Eduarda*, a dolorosa protagonista do drama, a victima inconsciente d'essa eterna vertigem que é o Amor, não é apenas a expressão humana d'um *fait divers* do sentimento, não é apenas uma mulher,—é a Mulher, em toda a magnitude do seu sacrificio e da sua expiação, é a suprema torturada entre a loucura d'um momento e o dever de toda a vida, é a eterna crucificada entre dois amores, fugindo do bem que a procura, procurando o mal que a repelle, soffrendo tanto quando é feliz como quando é desgraçada, matando com um beijo, semeando a ruina com um sorriso, e mendigando o perdão innocente d'uma creança com a mesma nobreza tranquillã com que rejeita o perdão humilhante d'um marido. Na



creação d'esta bella figura de mulher, Augusto de Castro realçou uma das suas mais bellas paginas de dramaturgo. O final do primeiro acto, em que Maria Eduarda sae para ir vêr a filha, com a mesma confusão, a mesma alegria, o mesmo perfumado mysterio com que correria á sua primeira entrevista d'amor, —é, em theatro, um achado. O dialogo do 3.º acto entre D. Luiz (Carlos d'Oliveira) e Fernando (Augusto Rosa), e toda a parte final do 4.º acto, honram o escriptor que os concebeu e os artistas que os interpretaram. O pu-

blico, afeito ao vaudeville ligeiro e á peça intensa que traz, já lá de fóra a chancellia, ás vezes contestavel, da celebridade, pode não ter reconhecido todas as bellezas e todas as qualidades da peça: mas o dever de todos nós é precisamente chamar a attenção



para essas bellezas e para essas qualidades, que fazem de Augusto de Castro um dos mais interessantes comediographos do seu tempo e da *Vertigem* um dos mais curiosos documentos da alta comedia moderna em Portugal.

A peça teve a seguinte distribuição:

(*Fernando Lino*) Augusto Rosa.—(*Manoel*) Alexandre Azevedo —(*Luiz*) Carlos d'Oliveira —(*Chico*) Chaby Pinheiro— (*Silvestre Paixão*) Antonio Pinheiro—(*Raul*) Henrique Alves —(*O medico*) Raphael Marques— (*Um creado*) Francisco Senna —(*Outro creado*) Manuel Pina —(*Maria Eduarda*) Maria Falcão—(*Elisa*) Luz Velloso—(*Gabriella*) Zulmira Ramos—(*Ameilinha*) Jesuina Saraiva—(*Nini*) Guilhermina—(*1.ª creada*) Julia d'Assumpção— (*2.ª creada*) Elvira Costa.
Lisboa—*Actualidade*



1—Uma scena do 4.º acto: (*Maria Eduarda*) Maria Falcão—(*Manoel*) Alexandre de Azevedo
2—Outra scena do 4.º acto: (*Maria Eduarda*) Maria Falcão—(*Fernando Lino*) Augusto Rosa
(*Chichés* BRNOLIEL).

·A·EXPOSIÇÃO·DAS·PROVAS·
·ESCOLARES·DOS·ALUNNOS·DE·
·BELLAS-ARTES·

Na Academia de Bel-
las-Artes inaugurou-se
no dia 21 do corrente a exposição
dos trabalhos finais dos alumnos
das varias classes, tendo appareci-
do algumas obras promettedoras,
sobretudo na pintura e escultura.
Ha quadrinhos de genero interes-
santes trechos de paisagens com
colorido certo, cabeças bem mode-
ladas, nus perfectos e desenhos
rigorosos.

O alumno sr. Guilherme Santa



1—Estudo, pelo alumno sr. José Pereira. 2—Cabeça de velho, exame final do 3.º anno do alumno sr. Francisco Franco. 3—Estudo, pelo alumno sr. Francisco Franco. 4—Um aspecto da exposição.



1—Narciso, exame final do alumno sr. José Lobo. 2—Inspirado n'uma phrase de Cervantes, trabalho do pensionista do legado Valmôr, sr. Anjos Teixeira.
3—Outro aspecto da exposição.



Ritta, unico concorrente ao pensionato de Paris, apresentou um quadro, *Oedipo*, que indica aptidões artisticas, assim como na escultura ha algumas obras dignas de menção. Fazem tambem parte da exposição quadros dos pintores que actualmente estudam em Paris, estando entre elles a *Mulher d'Arles*, do sr. José Campas, a que a *Illustração Portugueza* já se referiu n'um artigo sobre o atelier d'aquelle artista na capital de França, e trabalhos dos pensionistas de escultura, srs. Anjos Teixeira e Francisco dos Santos.



1—Estudo, do pensionista do legado Valmôr sr. Francisco dos Santos.

2—*Oedipo e Antigone*, exame final do sr. Guilherme Santa Ritta

3—*Mucio Scevola*, exame final do alumno de escultura sr. José Pereira. (Chiclé BROSOLIEL)

UM NUMERO SENSACIONAL DA CIRCO

Lisboa conhece a formosa e arrojada artista mademoiselle Maurice de Thiers que ha um anno, fazendo o exercicio do *auto-bolide* no Colyseu dos Recreios, se despenhou do alto do apparelho causando uma grande commoção no publico.

A audaciosa mulher, já completamente restabelecida, vae reaparecer em Bordeus, no dia 15 de março, fazendo um exercicio ainda mais arriscado e que se intitula: o *auto-bilboquet*. O auctor d'este novo trabalho é o pintor hespanhol Alfonso Perez, que reside em Paris e já creára o *auto bolide*.

O apparelho que mademoiselle Thiers vae estrear recorda, conforme o nome indica, o jogo do



bilboquet, que consta, como se sabe, d'uma bola presa por um cordel a uma haste no alto da qual ha um copo onde, em virtude de impulsos successivos, ella tem que cahir. D'este modo o novo numero de circo consiste n'uma enorme esphera de dois metros de diametro sobre a qual se prende a cadeira da artista. Com a ajuda d'uma alavanca collocada a alguns metros do solo vae uma bola fortemente impellida descrever uma singular parabola com a esphera que voltea com a sua bella tripulante n'um perigoso balanço a toda a altura do circo, tendo que cahir sobre uma haste cravada no chão. Como se vê o exercicio é perigosissimo não só pela precisão com que tem de ser executado, podendo a menor falha na afinação do apparelho causar um desastre, mas ainda porque a artista n'aquelle voltar no espaço soffre rudes abalos.

Ha uma enorme anciedade em assistir á primeira sessão d'este singular trabalho a que se presta a formosa rapariga já tão experimentada em exercicios semelhantes com os quaes tem soffrido grandes commoções. Mais uma vez a sua audacia a leva a inaugurar um apparelho que pode ser o seu vehiculo de morte.



1—Mademoiselle Maurice de Thiers. 2—A experiencia do novo exercicio do *auto bilboquet*
(Clichés du WORLD'S GRAPHIC PRESS, PARIS)

FIGURAS E FACTOS



A CANTORA MARIA JUDICE DA COSTA. — A illustre prima dona portugueza, que tanto entusiasmo causou no publico do nosso theatro lyrico, tem já uma grande reputação artistica affirmada no seu vasto repertorio, que vae da *Gioconda* e da *Aida à Tosca* e á *Walkyria*. Formosissima e possuindo, além das suas qualidades de cantora, grandes recursos de actriz, brilhantemente se affirmou em Lisboa com a sua estreia na *Gioconda*.

A. BOTEELHO DA COSTA VEIGA. — E' o auctor do livro *Da offensiva na batalha moderna*, obra em que o illustre tenente do estado-maior revela qualidades brilhantes de escriptor militar e grandes conhecimentos de tactica. O seu livro é o complemento dos estudos distinctos que fez durante o seu curso.

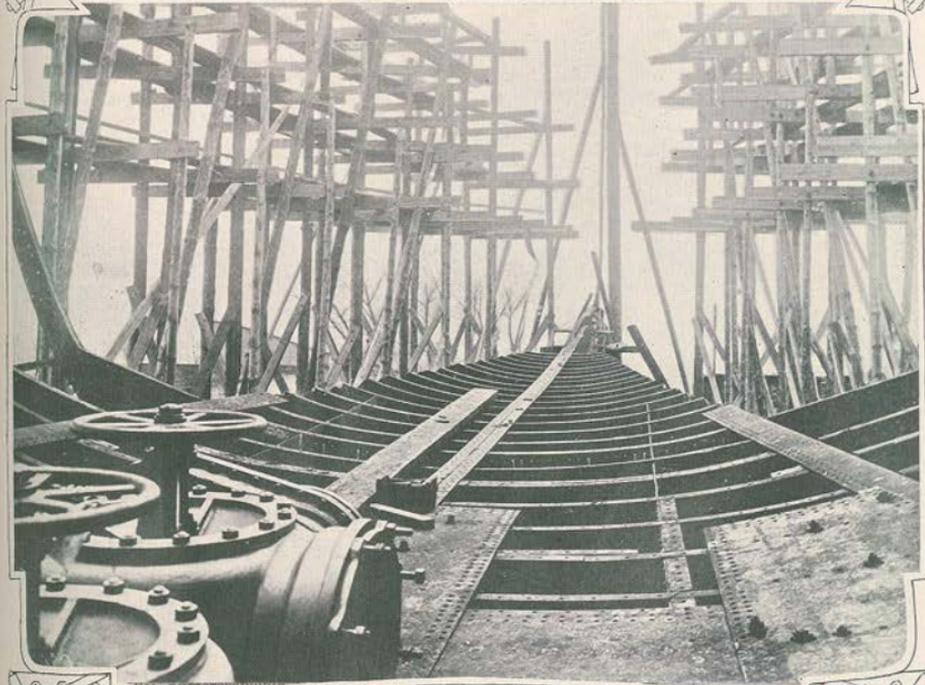


1—A cantora Maria Judice da Costa—(Cliché de VARISCHI & ARTICO)

2—Sr. A. Botelho da Costa Veiga—(Cliché de VIDAL & FONSECA)

3—Missão extraordinaria enviada pelo rei Alberto da Belgica para annunciar ao rei de Portugal a sua subida ao throno: Srs. Lodecler, filho, Barão de Fierbout, L. Lodecler, capitão Groofnés—(Cliché BRNOLIEL)

COMO SE CONSTROE UM GRANDE PAQUETE



Colocação das chapas

interiores do undo.

Na normalidade da vida, habituada á civilização, raras vezes o homem cogita no caminho infinito percorrido graças á sua intelligencia. Se ha idéa que mais approximadamente nos mostre a extensão d'esse caminho, é o paralelo entre o tosco madeiro de um tronco tombado pelo acaso na superficie das aguas correntes, que foi o primeiro barco do homem, e a luxuosissima commodidade de um transatlantico ultrapotente, cheio de conforto e de riqueza, que atravessa, indifferente aos borrifos das ondas, na vertiginosa carreira contada por horas e minutos, de um lado ao outro de um oceano!

Em Portugal a industria da construção naval é notavel por uma ausencia absoluta. Ficamos nas carreiras das naus, e, como modesta recordação de um passado em que demos lições ao mundo, de vez em quando, n'alguem pequeno estaleiro de Fão, lá pelas praias do Cavado, deixamos escorregar até á agua o casco de um palhabote. A construção de ferro deu o golpe de morte na antiga carpintaria portugueza. Sem minas onde arranjar o metal sem carvão com que accender uma forja, Portugal viu morrer a opulenta industria de alguns seculos, sem vêr nascer a que a supplantava. Alvorecia a idade

das riquezas para o ensombrado paiz do solo negro, e nas margens dos rios da Grã-Bretanha começou a apparecer o enxame de estaleiros que fizeram d'ella durante muitos annos a constructura de todos os navios do mundo.

E' dos estaleiros inglezes que tem ainda até hoje sahido os mais assombrosos portentos da construção naval; vae, porém, sumido para sempre o monopolio d'essa industria. O espectro da Alemanha, que por toda a terra e em todas as actividades do trabalho se levanta a atemorizar os filhos de Albion, n'essa industria, talvez mais do que em quasi todas as outras, tem avançado a passos gigantescos... E hoje em dia os estaleiros do Tyne vêem querer passar-lhes para a direita os estaleiros de Stettin.

Por emquanto a supremacia ingleza é ainda indiscutivel. De 3:523 navios que no penultimo anno sulcaram pela primeira vez as aguas do mar, attingindo um deslocamento de 3.277:894 toneladas, 1:825 navios, com 1.815:000 toneladas, foram fabricados em estaleiros inglezes. Quer dizer, apesar de haver hoje paizes com a riqueza e a civilização dos Estados Unidos, da França, da Alemanha e do Japão, a Inglaterra á sua parte constroe mais de metade dos navios

de todo o mundo! Os estaleiros allemães não estão mesmo em proporção com a obra que por emquanto produzem; o seu trabalho total de 507 navios em um anno é pequeno em relação á grandiosidade das casas constructoras; isso, porém, é sombra

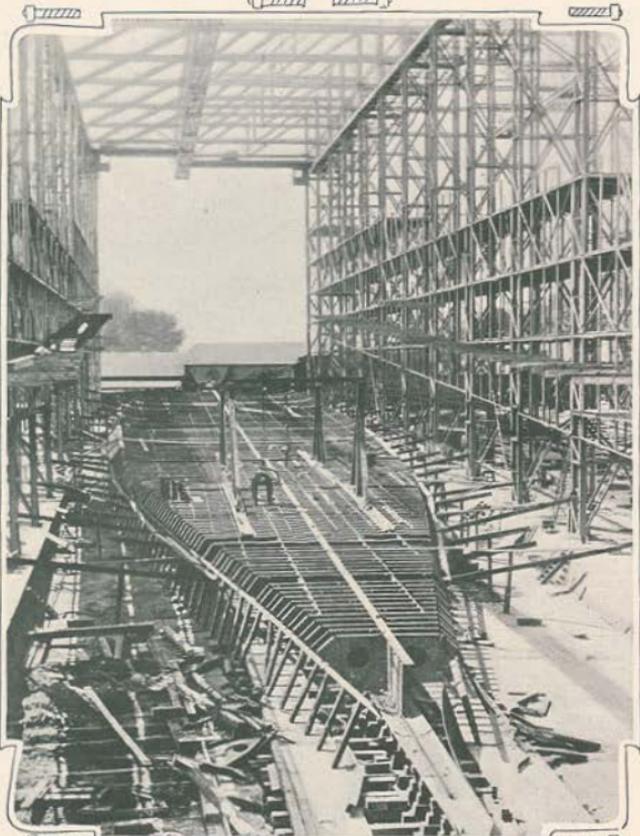
ainda mais densa a toldar o céu da Inglaterra, porque a Alemanha está em franca expansão e não fez mais n'esse ponto do que preparar-se para um futuro que tudo indica que excederá em muito os tempos de agora.

As gravuras que hoje apresentamos são documentos interessantes e com novidade, decerto, para muitos dos nossos leitores, do que seja o fabrico de um navio. O casco gigantesco d'essas photographias é uma das maravilhas da construção allemã. O *Kronprinzessin Cecilie*, de 26:000 toneladas de deslocamento, foi o emulo dos *Cunard's* que a *Norddeutscher Lloyd* pôz na travessia do Atlantico, em seguida á serie dos *Kaiser* e *Kronprinz Wilhelm*, para atravessar da Europa á America do Norte, com uma velocidade de 24 milhas por hora, ao tempo em que a sua rival ingleza preparava para continuarem a peleja o *Luzitania* e o *Mauritania*. Evidentemente, a companhia allemã, d'esta vez, ficou suplantada; esse facto, porém, não impede que o *Cecilie* seja um verdadeiro portento, tendo-se attingido na sua construção um ponto culminante nas machinas motoras de cylindros de vapor, que tantos serviços tem prestado durante um seculo, e que o *Luzitania* e

o *Mauritania* foram os primeiros grandes *liners* a abandonar.

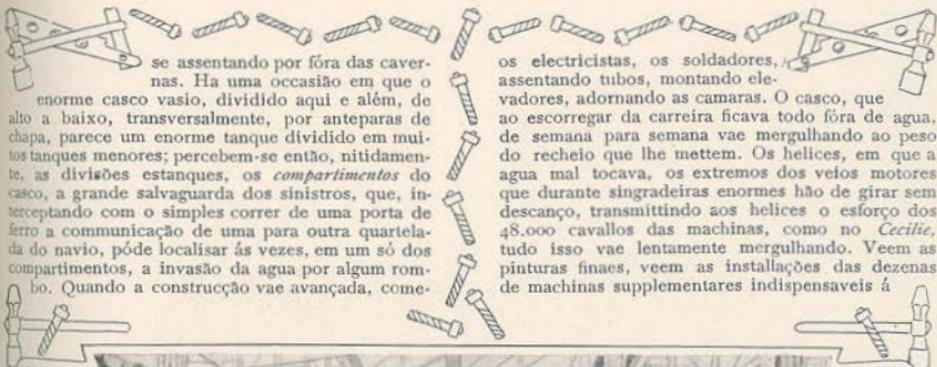
Para os nossos leitores, que suppõem profanos em uma sciencia arida e insipida como é a construção naval, parece-nos que as photographias que acompanham este artigo dirão, sobre a interrogação que o encimava, quasi tudo que pôde dizer-se, sem entrar em enfiados detalhes de mechanica e de resistencia de materias.

Em longas carreiras, simultaneamente, nos enormes estaleiros da Alemanha, da Inglaterra e de alguns outros paizes felizes, perfilam-se as séries interminaveis de chapas e de cantoneiras, muito eguaes de uma para a contigua, e desenhando no seu todo as curvas do futuro navio. N'uma fila vae-se erguendo o exercito das cavernas, n'outra uma série de anteparas paralelas; e um bello dia, sobre as chapas reforçadas que hão de fazer a quilha, todos esses esqueletos se fundem e apparece um esqueleto menos descarnado um bocadinho, que já dá uns leves ares de um navio. Ao mesmo tempo, dentro de umas officinas fabricam-se e montam-se as peças luzidias de aço, hastes, manivellas e excentricos, e os tirantes e os cylindros que hão de formar as machinas. N'outras batem-se e rebitam-se as chapas das caldeiras, os cylindros enormes, ou os prismas triangulares e outros variados volumes das aquitubolares. No esqueleto que está na carreira vae-se assentando o convez de chapas dos diferentes pavimentos; novas myriades de chapas vão-



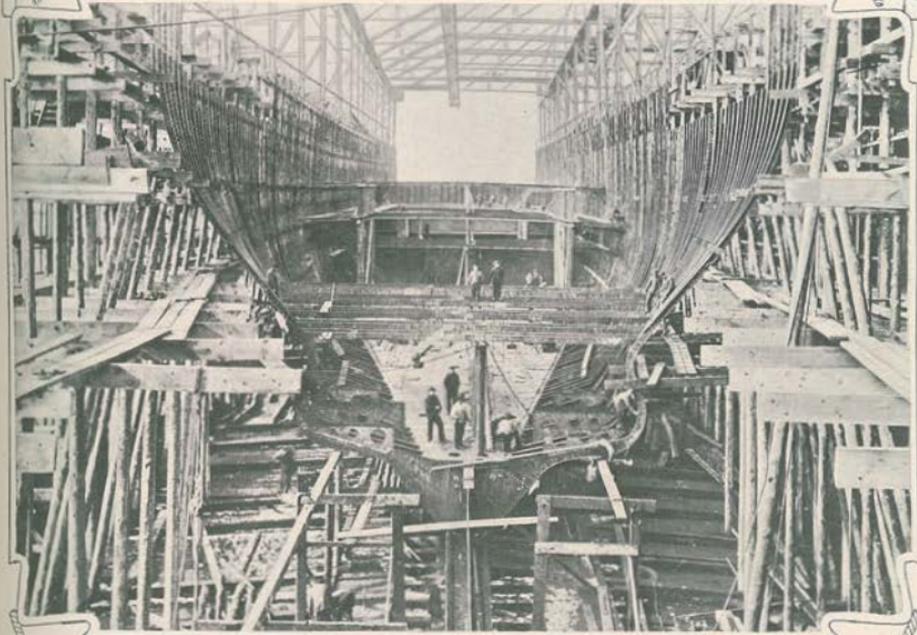
Os travessões de

ferro horizontaes



se assentando por fóra das cavernas. Ha uma occasião em que o enorme casco vasio, dividido aqui e além, de alto a baixo, transversalmente, por anteparas de chapa, parece um enorme tanque dividido em muitos tanques menores; percebem-se então, nitidamente, as divisões estanques, os *compartimentos* do casco, a grande salvaguarda dos sinistros, que, interceptando com o simples correr de uma porta de ferro a comunicação de uma para outra quartelada do navio, póde localisar ás vezes, em um só dos compartimentos, a invasão da agua por algum rombo. Quando a construcção vae avançada, come-

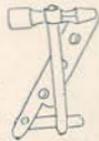
os electricistas, os soldadores, assentando tubos, montando elevadores, adornando as camaras. O casco, que ao escorregar da carreira ficava todo fóra de agua, de semana para semana vae mergulhando ao peso do recheio que lhe mettem. Os helices, em que a agua mal tocava, os extremos dos veios motores que durante singradeiras enormes hão de girar sem descanço, transmittindo aos helices o esforço dos 48.000 cavallos das machinas, como no *Cecilie*, tudo isso vae lentamente mergulhando. Veem as pinturas finaes, veem as installações das dezenas de machinas supplementares indispensaveis á

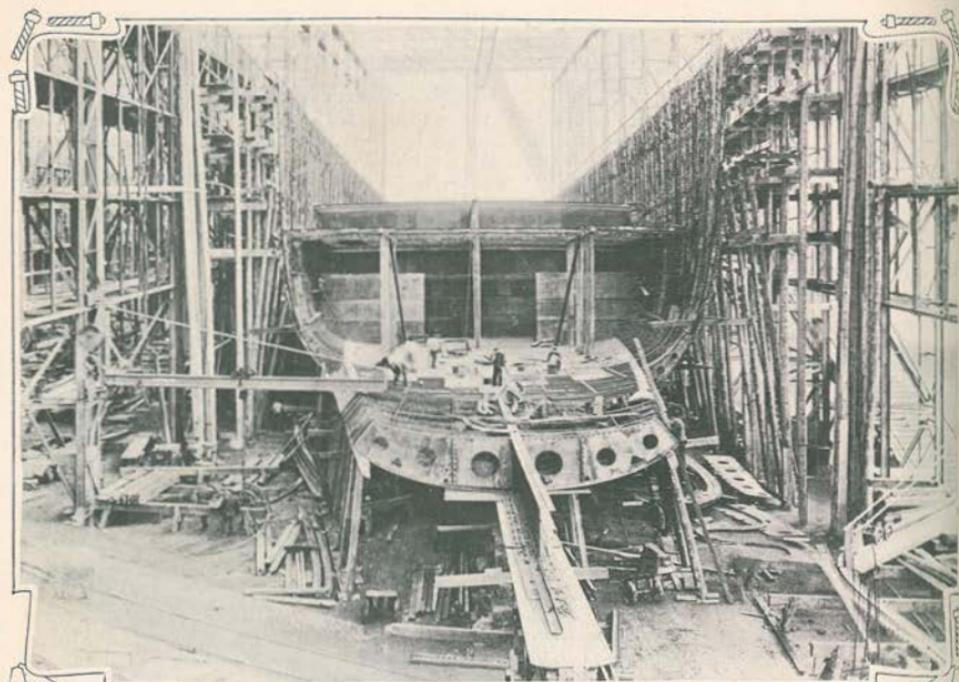


As anteparas transversaes

çam a apparecer dentro do casco os diferentes trabalhos de madeira: é o correr do convez, são as anteparas das mil divisões de um barco. A's vezes ainda dentro da carreira, outras vezes depois, accomodam-se no fundo dos porões as caldeiras e as machinas, que grandes cabreas suspendem sobre o monstro, e vão depois arriando lentamente para dentro de buracos abertos no convez. Um bello dia está o navio prompto para o lançamento; desprende-se das escoras que o aguentam, escorrega a um impulso pela carreira ensebada e apparece a fluctuar nas aguas de um rio. Encostam-o a uma ponte ou á muralha de uma doca; uma cabrea muito alta enfa-lhe os mastros, põe-lhe as chaminés. Dentro continuam os marceneiros,

grande vida d'um grande navio, veem os estofos, vem o mobiliario, mais umas semanas, mais uns dias e um trasatlantico está prompto. Mais umas semanas?... A's vezes assombra o prodigio—não é mais do que semanas o tempo todo da construcção! O paquete *Black-wel*, de 417 pés de comprimento, destinado á carreira de Londres a Calcuttá, foi totalmente construido nos estaleiros da *North-Sands* em Sunderland, no praso inacreditavel de 68 dias! E ficou uma obra perfeitissima que o *Lloyd's-Register* não hesitou em classificar na primeira classe da sua lista. No *Kronprinzessin-Cecilie*, que tem 706 pés de comprido por 72 de largo, entraram 19 das colossaes caldeiras que uma das nossas gravuras representa. Para

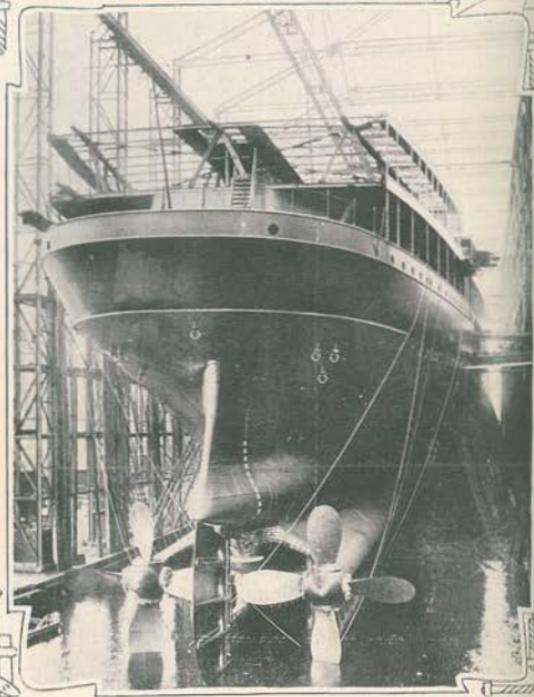


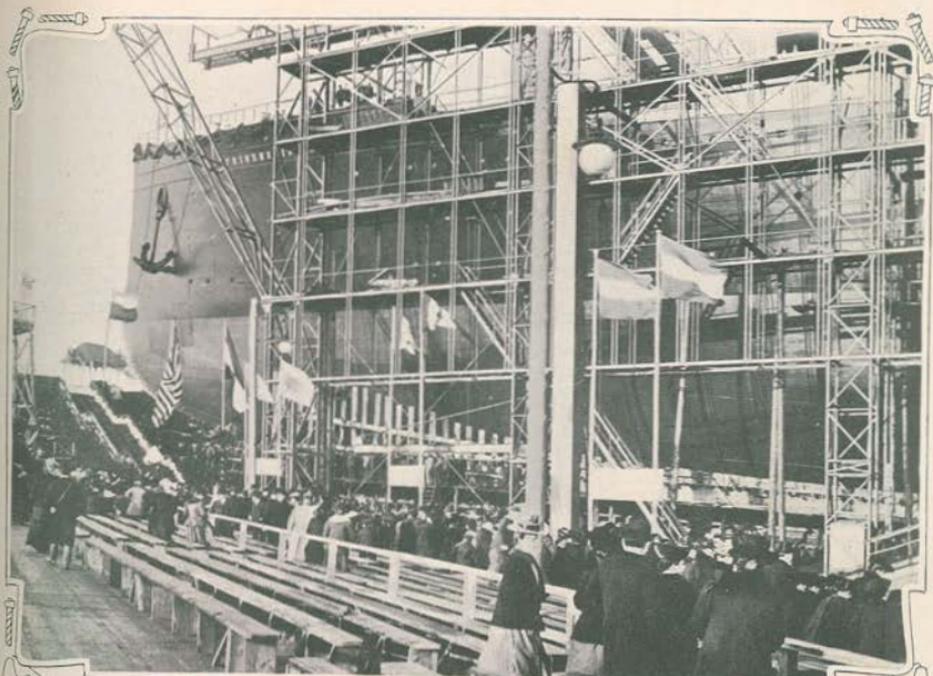


1—As novas chapas interiores do fundo. 2—A collocação do leme.

fornecerem vapor ás quatro machinas que, ligadas duas a cada veio, fazem girar os helices para imprimirem ao navio as 24 milhas de velocidade, essas 10 caldeiras queimam em 124 fornalhas 764 toneladas de carvão em 24 horas. De maneira que o pessoal que ha de guarnecer essas fornalhas, que ha de transportar esse carvão, que ha de vigiar o nivel do vapor, que ha de lubrificar as machinas motoras e trabalhar com as duzias das machinas secundarias, e o que em cima governa o navio, e vigia de noite o horizonte, e o que o baldeia, e o que brune os metaes, e o que serve á meza, e o que trata dos camarotes, e o que carrega nos porões, e os telegraphistas, e os barbeiros, e os lavadeiros, e os musicos e os que mandam tudo isto, comprehende-se que deem á vontade para formar um regimento em pé de guerra.

D'essa formidavel aglomeração, multiplicada com o numero dos passageiros, deriva a grandeza tragica de muitos sinistros do mar. Felizmente, o que a construção naval nunca conseguiu de todo remediar, foi resolvido indubitavelmente com grande efficacia por uma outra sciencia; e se os constructores, por mais cellulas estancos com que forrem os navios e por mais anteparas com que os di-





1—Lançamento á agua do *Princess Royale Cecile*, um dos maiores transatlânticos alemães. 2—O casco do paquete prompto para o lançamento

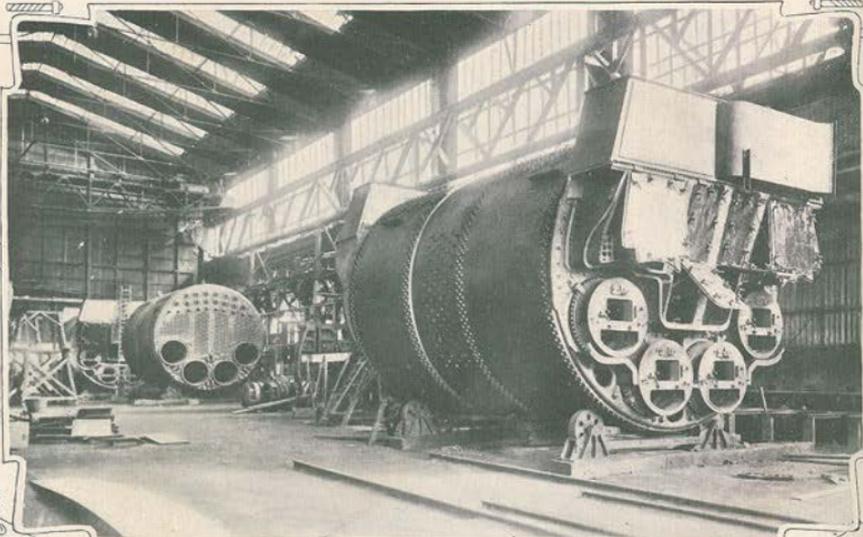


vidam, não os tornam inafundáveis, a telegraphia sem fios salvou já n'estes últimos annos muitos centos de naufragos.

De todos esses exemplos inquestionavelmente o mais interessante é o succedido com o naufragio do *Suevic*, da White-Star-Line.

O *Suevic*, de 12:500 toneladas, approxima-va-se das ilhas de Scilly ao findar de uma tarde de março de 1907. Estava tempo grosso e o classico nevoeiro da travessia do Atlantico-Norte. A corrente e o rolo do mar tinham impellido o navio para mais perto das rochas do que presumia o commandante, e quando este se dispunha a mandar prumar na previsão de mudança de fundo, o *Suevic*, a toda a força da machina, marinhou para cima de um recife. Um terço do navio ficou espetado sobre as pedras e os tres porões de vante encheram-se immediatamente de agua. Todos os esforços foram impotentes para arrancar o navio da sua cravação. Tratava-se de arrancar a proa do *Suevic* e de aproveitar os dois terços restantes do navio. Começou-se por fazer a rê da ultima ponta de rocha que entrava no costado uma antepara de forte taboado bem unido, de alto a

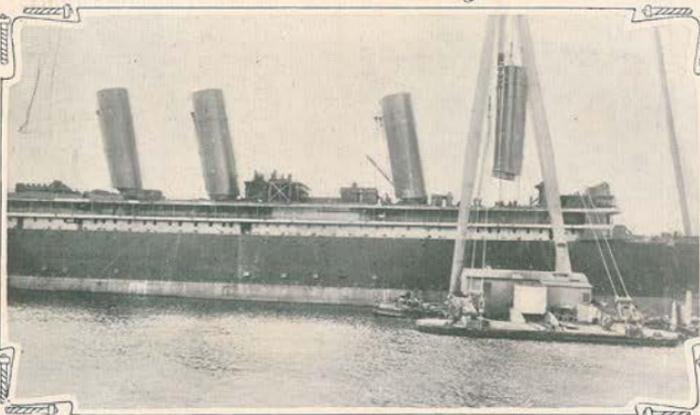
baixo, em toda a secção transversal do navio; e feita ella, em toda a periphèria da secção avante da an-



tepara da madeira, foi collocado um rosario de pequenos cartuchos de dynamite. Afastou-se a multidão dos trabalhadores e electricamente provocou-se a distancia a detonação do explosivo. Chapas, cantoneiras, madeiramento, todo o contorno do rosario de dynamite foi rompido instantaneamente; os dois terços do *Suevic*, que a estancagem dos compartimentos tinha mantido perfectos, appareceram a fluctuar. Os rebocadores afastaram-o; as caldeiras,

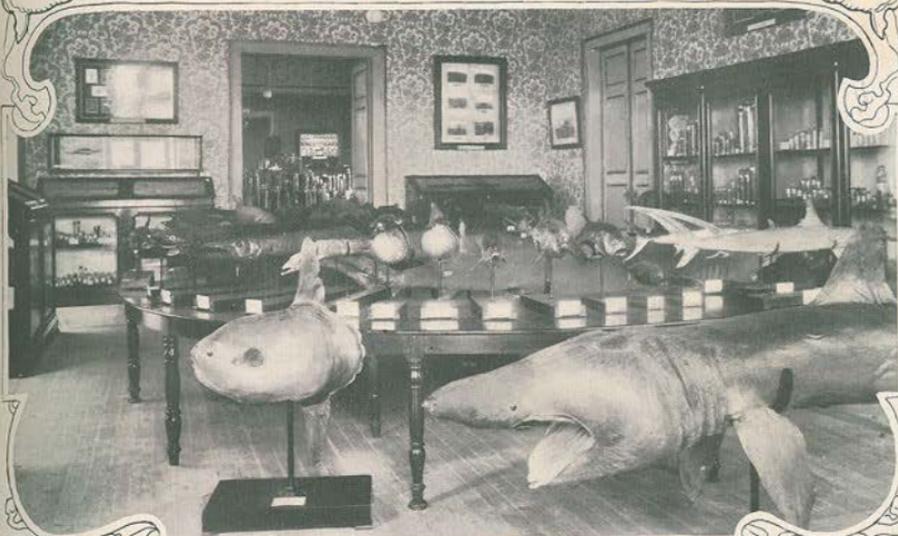


incolumes, accenderam-se, as machinas foram postas a andar a ré, e o *Suevic* começou uma viagem extraordinaria, unica na historia de toda a navegação, de dois terços de um navio, andando ás arrecuas, e com a chaga enorme da amputação com o primeiro tratamento de um penso de madeira! E foi para o hospital de Southampton, onde lhe puzeram uma proa nova. Como se vê, hoje em dia pode-se viajar. No *Lusitania* ou no *Cecilie* deve dar um certo prazer subir no ascensor até ao setimo andar, a assistir a uma partida de tennis.



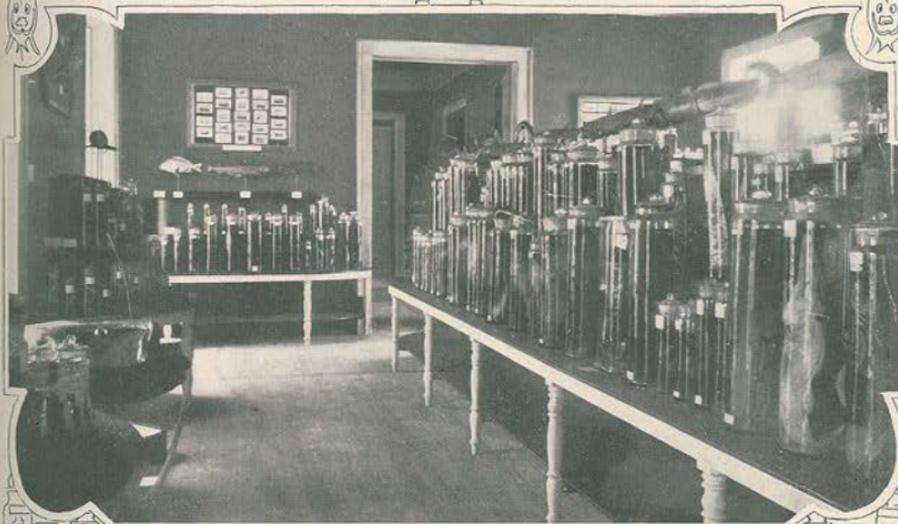
O MUSEU DA LIGA NAVAL PORTUGUEZA

· A SECÇÃO OCEANOGRAPHICA · D. CARLOS · I ·



Abriu na quinta feira, 17 de fevereiro, o Museu Nacional de Marinha, no edificio da Liga Naval, fazendo-se a exposiçã da obra oceanographica d'el-rei D. Carlos, que, como se sabe, é das primeiras do mundo, no seu ge-

nero, e foi offerecida ao novo museu. Presidiu á sessã o chefe d'Estado, tendo feito o elogio dos trabalhos scientificos do fallecido soberano o distincto naturalista sr. Alberto Girard.



1—Uma sala do Museu. 2—Outro aspecto do Museu

LÁ POR FÓRA



1—A semana de aviação em Hilopols. O aviador Rougier, no seu biplano, voando sobre a cidade de Hilopols.
2—O operário bavaro de Oberanomerger, que interpreta o Christo nas celebres representações da Paixão de Christo, que todos os 10 annos se realisam na famosa aldeia da Baviera.
(Clichs de DELIUS)

Essas festas da Paixão de Christo que se realisam na aldeia bavara são verdadeiros quadros vivos, cheios de animação e de espirito de religiosidade e tem uma grande celebridade em toda a Alemanha. O pobre oleiro cujo retrato publicamos e que interpreta o papel de Christo n'essa evocação da vida do martyr, recebe durante as festas homenagem que o consolam sem duvida para dez annos de assiduo trabalho na sua modesta officina. No seu rosto ha alguma cousa de mystico, de bondoso e de poetico que o fez ser escolhido, entre os seus companheiros, para representar o difficil papel em todas as suas phases. Deante do operário a multidão n'um culto tradicional ajoelha e sabe Deus de quantos olhos não brotará o pranto ao verem passar o oleiro transfigurado em Christo.

